

SENTIR-SE VIVO NUM POEMA: SOBRE O LIVRO *PÁTIO*, DE JORGE REIS-SÁ

ANDRÉ CARNEIRO RAMOS¹

*Que a obra
não se oponha
à vida
Que a obra
e a vida
sejam uma
O texto nu
e cru
do autor
O rosto nu
e cru
do autor*

Adília Lopes (2019, p. 99).

REIS-SÁ, Jorge. *Pátio*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2020.

A poesia de Jorge Reis-Sá, inquieta representante de uma profícua geração de novíssimos poetas portugueses, convida-nos a um passeio por um sítio ao mesmo tempo inusitado e reconhecível. Em *Pátio*, livro do autor publicado no Brasil pela primeira vez, o que se vislumbra é uma sedutora entrada, com portões escancarados ao desafio do rememoração, exercício que aos leitores se expande, do mero olhar para trás a um mergulho existencial em algumas de nossas esvoaçantes raízes; o reconhecimento, ou melhor, o enfrentamento proposto por este lugar poético – de neblina, sonho, morte e memória –, torna-se tão urgente quanto um respiro.

E essa inelutável memória, resultante do mecanismo consecutivo das horas que nos regem, ilumina-se em pequenos gestos-imagens, como se o poeta dividisse conosco não apenas sua vida, mas a rasura que lhe desperta a partir desse presente-passado. Como montar esse *puzzle* de lembranças, encontrando nele algum sentido?

¹ Doutor em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Em 2013, ainda como bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), realizou parte de sua pesquisa de doutorado na Universidade de Salamanca (USAL), na Espanha, acerca das representações do ordinário e do extraordinário nas obras dos escritores Georges Perec e Roberto Bolaño. Atualmente, leciona como professor efetivo na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), na cidade de Passos (MG). Tem experiência na área de Letras, com destaque para Literatura Portuguesa, Literaturas Africanas, Literatura Brasileira, Teoria da Literatura e Semiótica. *E-mail*: andre.carneiro@uemg.br

Em relação a isso, podemos pensar na materialização da poesia como uma forma mesmo insurrecta em relação à própria língua que lhe dá origem, com cada poeta acesando essa matriz de forma bastante peculiar, fundando outras línguas, ingressando em territórios sógnicos dos mais diversos com uma chave na mão...

Isso não significa que o poeta domine a poesia. Essa luta vã com as palavras – alusão ao provocativo “O lutador”, de Carlos Drummond de Andrade (2002) – revela uma atemporal necessidade de o poeta sempre se renovar, com o desafio da página em branco mantendo-o vivo. Todo poeta, logo, em cada livro a que se propõe escrever, reinventa formas de sobrevivência a este vazio que nos assola.

No caso de Jorge Reis-Sá, o que se nota em sua singular voz autoral é a forte persona de um escritor que se preocupa com o oferecimento de premissas filosóficas em seus versos, os quais em nenhum momento se aproximam da leveza problemática que uma efêmera descrição do cotidiano pode nos ofertar. Nesse sentido, percebe-se um significativo retorno ao real – naquilo que Joaquim Manuel Magalhães (1981) preconiza –, sem perder de vista a preocupação com a linguagem, como se sua poesia fosse, até certo ponto, um pedregoso território, mas detentor de lúcidas recompensas:

Todos temos segredos guardados na alma. Todos
roubámos selos na loja do senhor Passos para adornar
a colecção que agora, anos depois, esquecemos. Todos
matámos o periquito quando, distraídos, o deixámos
fugir da gaiola e dissemos foi Deus quem o quis livre,

mãe. Todos temos um sítio só nosso onde não
permitimos ninguém: nem aquela que mais amamos,
pela vergonha que esses segredos trazem. Há sempre
uma história que não conseguimos lembrar e que não

conseguimos esquecer. Demasiadas verdades
guardadas junto aos selos e ao fantasma
do pássaro que ainda hoje nos persegue.

(REIS-SÁ, 2020, p. 23).

Existência e memória, portanto. E a preocupação que nos vem, é justo a da investigação do ser. Indo mais além em suas autênticas (heideggerianas) especificidades, como nos diz bem António Carlos Cortez na apresentação da edição brasileira: “[...] muitos dos seus poemas são sondagens a certas tensões e contradições do animal homem.” (apud REIS-SÁ, 2020, p. 13). Assim, neste *pátio*, a palavra homem é dissecada de modo substancial, com o processo todo acontecendo nesse múltiplo lugar, paisagem essa que se associa às construções culturais que tomam forma em cada um de seus poe-

mas, levando-nos a um passeio intersubjetivo (e nunca leve) como, por exemplo, a crua e necessária reflexão que leremos a seguir, sobre a finitude:

[...]

Terminou. O menino morreu. A menina desapareceu.
Quem foi não chegou. Como podemos nós perder
quem nunca nos veio a pertencer? Chega de solidão,
chega de pensar no que morreu, a vida é o que foi,

passado e memória, não futuro. Esse não existe, nem
quando à noite o universo nos assiste. A morte é a curva
na estrada. É sempre preciso um poema para inundar
de impossibilidade uma tristeza sempre inacabada.

(REIS-SÁ, 2020, p. 43).

Somos seres caminhantes para a morte, Heidegger (1989) nos alerta acerca disso. E por meio da poesia de Jorge Reis-Sá, essa possibilidade suprema se torna algo de veras produtivo, porque, à maneira estoica, fomentando a noção de que a finitude chegará, ao tomarmos consciência dela poderemos viver de modo mais intenso. Quando nos preparamos para o fim, embasados pelo passado, nosso momento presente transforma-se numa chance luminosa em seu êxtase. Possibilidade mais que transgressora, talvez.

Nessa feita, a memória se transforma em resistência: não devemos nos esquecer daquilo que fomos e vivemos. A propósito, é assim que Paul Ricoeur (2017) nos conclama a tomar uma espécie de antídoto contra qualquer torpe silenciamento: a sobrevivência, ou melhor, a persistência desses nossos rastros é o que a poesia de Reis-Sá permite-nos incorporar; cada poema por ele escrito se transforma num arquivo; a memória dele transcende junto à nossa; lutemos, igualmente, contra a ameaça do esquecimento daquilo que vivemos e nos formou:

Vem-me a saudade à alma
Sinto-me nos dias mais antigos, há muito tempo
Quando éramos crianças, meninos,
Quando éramos imortais
E tudo parecia perfeito, sem mais
Os dias não acabavam, éramos loucos, éramos nós
O sol nunca se punha, nunca estávamos sós
Às vezes, muito às vezes, parece que voltamos, não sei
Seguiu-se um palco, errei

Aqueles foram os dias, os dias da nossa vida
Tudo era bom, nada era aquém
Mas se os dias terminaram, algo não acabou
Quando olho o retrato e percebo
Continuas porque sou

(REIS-SÁ, 2020, p. 46).

Fazendo agora uma exaltação direta ao livro, podemos dizer que se trata de um interessante momento de leitura, em que somos catapultados a uma experiência vívida, pautada por reminiscências e suas plurais conjecturas, como se as imagens, espaços, sentimentos, angústias e maravilhamentos descritos pelo poeta se tornassem, por um breve momento (o de atenta leitura) também nossos; e pudéssemos, assim, preencher alguns dos propositados vazios dos seus versos com nossas próprias questões, para, do âmago do poema, extrair a visão daquilo que Herberto Helder nos sinaliza com propriedade: “Meto na palavra o coração carregado de uma coisa./ Eu posso modificar-me./ Ser mais alto que a corrupção” (2006, p. 117).

Com sua autoria, insurrecta nas raízes, este ainda jovem poeta prova, uma vez mais, que a poesia portuguesa contemporânea é uma rascante paisagem, que merece muito ser visitada. A terra de Camões e de Pessoa se fortalece viva e literariamente de modo dialógico, em relevantes mensagens, dignas de se consagrar e espalhar.

Jorge Reis-Sá: vale!

Referências:

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 1989.
- HELDER, Herberto. *Ou o poema contínuo*. São Paulo: A Girafa, 2006.
- LOPES, Adília. *Aqui estão as minhas contos*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- MAGALHÃES, Joaquim Manuel. *Os dias, pequenos charcos*. Lisboa: Editorial Presença, 1981.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et al]. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2018.